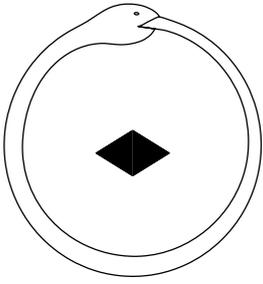




BRASIL,  
GUARDIÃO DO FUTURO  
Jeremy Narby



cadernos  
SELVAGEM



## BRASIL, GUARDIÃO DO FUTURO

Jeremy Narby

Este artigo é uma consolidação por escrito das ideias apresentadas pelo autor no dia 23 de outubro, 2022 na Casa França Brasil, no Rio de Janeiro. Neste evento presencial do Selvagem, no qual foi lançado o livro *Plantas Mestras – Tabaco e Ayahuasca*, também de sua autoria, Jeremy fez duas falas. A primeira pode ser acessada [aqui](#) e a segunda [aqui](#).

A população mundial de espécies selvagens de pássaros, peixes, mamíferos, anfíbios e répteis despencou em 69% nos últimos 50 anos. Só na última década, a taxa média de declínio desses animais foi de 1% ao ano. Populações vertebradas selvagens estão desaparecendo, enquanto os humanos observam e mensuram o fenômeno<sup>1</sup>.

Essa queda impressionante no número de animais vertebrados é causada pelos próprios humanos, que ocupam e usam uma porção cada vez maior da superfície e dos recursos planetários. Os humanos continuam devastando florestas para impor monoculturas, saqueando paisagens para extrair minérios e petróleo e pescando intensivamente com a ajuda de tecnologias avançadas. Na maioria das vezes, fazem isso para obter benefícios pessoais a curto prazo. Mas, a cada vez que uma espécie chega ao fim, a teia da vida que envolve o planeta, ou biosfera, se empobrece.

A biosfera é a única casa que temos. É também o repositório da verdadeira riqueza. Os humanos só podem desfrutar de uma existência fértil neste planeta porque as plantas transformam luz solar em energia orgânica e junto às bactérias produzem o ar rico em oxigênio que respiramos. Os humanos podem até acreditar que extrair petróleo e minérios do solo cria bens de consumo e prosperidade financeira.

---

1. Segundo o “Índice Planeta Vivo”, da WWF, publicado em 13 de outubro de 2022. Disponível em: <https://livingplanet.panda.org>.

Mas a verdadeira riqueza é biológica e renovável. Não podemos sobreviver à base de uma dieta de ouro, petróleo e dinheiro. Precisamos de plantas e animais para nos nutrir e de ar oxigenado para respirar. Uma biosfera sadia vale mais que todo ouro e petróleo do mundo.

Um planeta, região ou território sadio e diverso é mais precioso a longo prazo para os humanos e outras formas de vida do que o que foi devastado em nome de lucro a curto prazo. Quando um oceano é depredado e sua população de peixes despenca, ele se torna um recurso empobrecido para os seres humanos. Há vários séculos, os humanos podiam pescar o quanto quisessem nos oceanos mundo afora sem impactar a existência fundamental dos diferentes peixes. Hoje em dia, grandes tropas equipadas com tecnologia de satélite e redes enormes e supereficientes localizam os cardumes e os capturam em grande escala. É por isso que as populações de peixes selvagens estão em declínio no mundo todo.

São poucas as pessoas que discordam de que, quando uma espécie natural desaparece, todos os outros seres vivos, inclusive os humanos, acabam perdendo. A vida na Terra depende de uma trama rica e diversa de seres vivos, que inclui plantas, animais, fungos, bactérias e vírus. Essa teia da vida sustenta todas as formas de vida, e nossa existência a longo prazo depende de seu bem-estar. E, mesmo assim, os humanos continuam multiplicando suas atividades às custas da complexa trama da biosfera.

O mundo precisa de um país extenso e biodiverso para atuar como guardião da vida na Terra. A vaga está aberta e os potenciais candidatos são poucos. Para o Brasil, essa é uma oportunidade de tomar a dianteira e mostrar ao resto do mundo o que significa valorizar as riquezas naturais.

Quando falamos de preservação da riqueza da vida na Terra, alguns países são mais importantes que outros. Uma maneira simples de medir a riqueza mundial em espécies vivas consiste em definir algumas categorias de seres – como plantas, insetos, anfíbios, pássaros, peixes, mamíferos e répteis – e calcular o percentual de espécies nessas categorias presentes nos diferentes países do mundo. No Brasil, por exemplo, vivem 12,7% das espécies de plantas já catalogadas. Nenhum outro país tem um percentual maior nessa categoria. Isso torna o Brasil o líder mundial em espécies de plantas. Há mais espécies de plantas no Brasil do que em qualquer outro país.

Ao somar todas as categorias, o Brasil fica à frente em termos de número total de espécies vivas. É primeiro lugar em plantas, anfíbios e insetos, segundo em mamíferos e terceiro em pássaros, peixes e répteis. Apenas a Indonésia tem mais espécies mamíferas do que o Brasil, e somente a Colômbia e o Peru têm mais espécies de pássaros. É na Austrália e na Indonésia que há mais espécies de peixes. Um estudo recente reuniu todos esses números para criar um *ranking* mundial da biodiversidade.<sup>2</sup> O Brasil lidera esse *ranking* com uma pontuação de 77,2%, dividida da seguinte maneira: 12,7% das plantas do mundo + 13,6% dos anfíbios do mundo + 11,8% dos mamíferos do mundo + 17,6% dos pássaros do mundo + 13,7% dos peixes do mundo + 7,9% dos répteis do mundo.

Este é o *ranking* mundial da biodiversidade por país:

<b>1. Brasil</b>	77,2
2. Indonésia	61,4
3. Colômbia	57,6
4. China	54,3
5. Peru	50,9
6. México	50,8
7. Austrália	48,6
8. Equador	44,4
9. Índia	44,2
10. EUA	40,6
11. Venezuela	39,9
12. Bolívia	33,8
13. África do Sul	33,1
14. R.D. Congo	32,6
15. Malásia	32,4
16. Tanzânia	32,3
17. Papua-Nova Guiné	32,2
18. Vietnã	31,4
19. Argentina	30,2
20. Tailândia	29,9
....	
47. Rússia	16,8

---

2. Ver “Os 10 países mais biodiversos”, por Rhett A. Butler, 21 maio 2016. Disponível em: <https://news.mongabay.com/2016/05/top-10-biodiverse-countries/>. Esse estudo não inclui insetos em suas categorias e classificações. Sobre o Brasil como líder mundial de espécies de insetos, ver Rafael *et al.* Knowledge of Insect Diversity in Brazil: Challenges and Advances. *Neotropical Entomology*, v. 38, n. 5, p. 565-570, 2009.

Decidi incluir a Rússia nesta lista, pois é, de longe, o maior país em termos de território e massa d'água. É possível supor que, quanto maior o país, maior a chance de abrigar um maior número de espécies. Mas a Rússia tem um clima continental frio. Sua fauna e flora são muito menos diversificadas do que as dos países tropicais. A Rússia tem duas vezes o tamanho do Brasil mas é lar de cinco vezes menos espécies naturais. Isso nos mostra que, para compreender a biodiversidade mundial de modo legítimo, é necessário levar em conta o tamanho do país.

Este é o *ranking* dos países por tamanho total de território, calculado em km<sup>2</sup>:

1. Rússia	17,000,000
2. Canadá	9,900,000
3. China	9,600,00
4. EUA	9,400,000
5. <b>Brasil</b>	8,500,000
6. Austrália	7,000,000
7. Índia	3,200,000
8. Argentina	2,700,000
9. Cazaquistão	2,700,000
10. Algéria	2,300,000
...	
14. México	1,960,000
15. Indonésia	1,900,000
...	
21. Peru	1,300,000
...	
25. Colômbia	1,100,000
...	
42. França	640,000
...	
51. Espanha	500,000
...	
73. Equador	276,000

O Equador é um contraexemplo interessante para o Brasil. Seu território é 30 vezes menor que o brasileiro, mas abarca mais da metade de todas as espécies vivas encontradas no Brasil. Mesmo sendo um país pequeno, o Equador abriga um número espetacular de espécies. Sua riqueza biológica pode ser uma das mais concentradas do mundo, mas isso não muda o fato de que o país é muito pequeno para atuar como líder global da preservação da vida na Terra. Um país pequeno com população igualmente pequena pode experimentar e criar políticas

e práticas interessantes. Mas é preciso um país grande em termos de território e população para tomar a frente e mostrar ao mundo que as coisas podem ser feitas em grande escala.

Outro contraexemplo é o Canadá. Mesmo sendo o segundo maior país em termos de território, tem apenas 38 milhões de habitantes. Isso significa que responde por apenas 0,48% da população mundial. E, enquanto país setentrional, com longos e gélidos invernos, sua pontuação no índice mundial da biodiversidade é baixa. Ocupa a 56ª posição, atrás do Sudão, da Somália e do Nepal<sup>3</sup>. Apesar de seu imenso território, o Canadá não teria condições de liderar a questão da biodiversidade, mesmo que quisesse.

Seria necessário um país grande, biodiverso e populoso para atuar como guardião da vida na Terra, de modo a fazer diferença na escala planetária. O Brasil se encaixa perfeitamente no cargo: é líder mundial em métricas absolutas de biodiversidade, ocupa a quinta posição em extensão territorial e a sétima em tamanho populacional. Mas há outros países que poderiam se candidatar.

Este é o *ranking* mundial de população humana por país, em milhão de habitantes conforme estimado pelo Wikipédia, com o percentual indicando a parcela do total mundial:

1. China	1,400	(17,7%)
2. Índia	1,370	(17,2%)
3. EUA	331	(4,0%)
4. Indonésia	275	(3,4%)
5. Paquistão	229	(2,8%)
6. Nigéria	216	(2,7%)
7. <b>Brasil</b>	215	(2,7%)
8. Bangladesh	165	(2,0%)
9. Rússia	145	(1,8%)
10. México	128	(1,6%)
...		
20. França	67	(0,8%)
...		
28. Colômbia	51	(0,6%)
...		
30. Espanha	47	(0,59%)
31. Argentina	47	(0,59%)
...		
37. Canadá	38	(0,48%)

---

3. Ver <https://theswiftest.com/biodiversity-index/> para a classificação dos 201 países mais biodiversos.

...		
37. Canadá	38	(0,48%)
...		
42. Peru	33	(0,41%)
...		
53. Austrália	26	(0,33%)
...		
66. Equador	18	(0,22%)

Esse *ranking* mostra que o Brasil está entre os dez países mais populosos. Seus 215 milhões de habitantes representam 2,7% da população mundial total. Isso é quatro vezes mais que a Colômbia, seis vezes mais que o Peru, oito vezes mais que a Austrália e doze vezes mais que o Equador – países com pontuações elevadas de biodiversidade, mas que ficam de fora da categoria peso pesado em termos de população.

Apenas um punhado de países poderia liderar o mundo na questão da proteção da vida na Terra. Além do Brasil, há outros cinco candidatos possíveis: Indonésia, China, México, Índia e EUA. Todos esses países têm tamanho, população e biodiversidade suficientes, mas nenhum deles demonstrou interesse em reivindicar o posto.

A China, em particular, seria uma candidata perfeita. Tem a maior população humana do mundo, o terceiro maior território e ocupa o quarto lugar em biodiversidade geral. Mas o país parece ter outras prioridades no momento.

Os Estados Unidos também poderiam ser um dos postulantes. Fica em décimo lugar em biodiversidade, quarto em extensão territorial e terceiro em termos populacionais. Enquanto país extenso e de clima temperado, os Estados Unidos acolhem vários ecossistemas, dos pântanos da Flórida ao deserto de Nevada, dos litorais da Califórnia às florestas da Nova Inglaterra. Com frequência, os Estados Unidos alegaram liderar o mundo em outros assuntos. Mas, por razões ainda desconhecidas, o país fica em silêncio quando o assunto é biodiversidade mundial.

O Brasil tem todos os requisitos necessários para reivindicar a qualidade de guardião da vida na Terra. Sua riqueza biológica ainda é inigualável. Os tamanhos de seu território e de sua população lhe concedem influência em nível planetário e legitimidade. Em um mundo onde

animais estão desaparecendo a uma taxa anual de 1%, o valor da riqueza natural brasileira só continuará crescendo. A verdadeira riqueza do Brasil está no futuro. E o mesmo foi dito pelo presidente recém-eleito em seu discurso de vitória.

Cultivando sua própria diversidade natural e cultural, o Brasil pode mostrar ao mundo o que realmente importa: a vida em si. E, ao fazer isso, o país se tornaria o centro mundial da vida na Terra. *Imagina!*

Nasceu em 1959, em Montreal, no Canadá. Estudou História na Universidade de Canterbury e obteve seu doutorado em Antropologia pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Passou muitos anos na Amazônia peruana, junto aos Ashaninka. Com o objetivo de contribuir na luta contra a devastação, catalogava o uso que os indígenas faziam dos recursos da floresta. Escreveu muitos livros tratando dos sistemas de conhecimento indígenas e do uso da ayahuasca para obter conhecimento. Entre suas obras, destacam-se *Plantas Mestras – Tabaco e Ayahuasca* (Dantes, 2022), *A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber* (Dantes, 2019); *Chamanes au fil du temps* [Xamãs ao longo do tempo] (Albin Michel, 2014); e *Intelligence dans la nature, en quête du savoir* [Inteligência na natureza, em busca do saber] (Buchet Chastel, 2005).

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

A tradução do inglês foi feita por Victoria Mouawad e a revisão é de Sâmia Rios.

### SÂMIA RIOS

Sâmia é leitora e estudante entusiasmada desde criança, seu amor pelas narrativas a levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalha há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão.